



Revista Igarapé
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

Uma Revolução, Dois contos, Múltiplos leitores

Tomás Mendes da Silva¹

Resumo: De 1893 a 1895, as terras do sul serviram de cenário aos violentos combates da Revolução Federalista, travados entre os partidários de dois oligarcas gaúchos: de um lado, os federalistas (maragatos), liderados por Gaspar Silveira Martins; de outro, os republicanos (chimangos ou pica-paus), seguidores do positivista Júlio de Castilhos. Os primeiros defendiam a instalação de um regime parlamentarista nos moldes do que existiu no Segundo Reinado, enquanto que os republicanos defendiam um presidencialismo forte, centralizador, no estilo do governo do presidente Floriano Peixoto (1891-1894). O confronto ultrapassou as fronteiras gaúchas, estendendo-se a Santa Catarina, ao Paraná e até ao Uruguai. Somente em 1895, no governo de Prudente de Moraes (1894-1898), é que seria assinado um acordo de paz na região. A importância do evento deu origem a uma tradição literária de contos, romances, canções, narrativas orais e fílmicas. Em 1993, ao completar cem anos do começo do conflito, foi publicado o livro *Literatura e Guerra Civil de 1893*, organizado pelos professores Carlos Alexandre Baumgarten e Maria Eunice Moreira. A obra reuniu dez textos cuja temática, de alguma forma, relaciona-se com a disputa política do fim do século XIX. Da referida coletânea fazem parte os dois contos que serão abordados no presente estudo, *Bandido*, de Roque Callage e *Velhos Tempos*, de Darcy Azambuja.

Palavras-chave: Revolução Federalista. Conto sul-rio-grandense. Bandido. Velhos Tempos.

A Revolution, Two stories, Multiple readers

From 1893 to 1895, 1895, the South was the set of the violent Federalist Revolution, fought between supporters of two gauchos oligarchs: on one hand, the Federalists (maragatos), led by Gaspar Silveira Martins, on the other, the Republicans (chimangos), followers of Julio de Castilhos. The first advocated the installation of a parliamentary system similar to what

¹ FURG – Universidade Federal do Rio Grande. Instituto de Letras e Artes – ILA. Programa de Pós-Graduação em Letras – História da Literatura. Rio Grande, RS, Brasil. 96.000-000. tommas_mendes@msn.com.



existed in the Second Empire, while Republicans argued for a strong presidential system, centralizing, as Floriano Peixoto (1891-1894). The confrontation exceeded Gaucho borders, extending to Santa Catarina, Paraná and the Uruguay. Only in 1895, with the President Prudente de Morais (1894-1898) was signed a peace agreement in the region. The importance of the event gave rise to a literary tradition of short stories, novels, songs, oral and filmic narratives. In 1993, after completing one hundred years from the beginning of the conflict, the book *Literatura e Guerra Civil de 1893*, organized by Professors Carlos Alexandre Baumgarten and Maria Eunice Moreira was published. The book has ten texts whose themes relates to the political struggle of the late nineteenth century. There are, in the book, two stories that will be explored in the present study, *Bandido*, Roque Callage and *Velhos Tempos*, Darcy Azambuja.

Keywords: Federalist Revolution. Stories from Rio Grande do Sul. *Bandido*. *Velhos Tempos*.

Aspectos Introdutórios

Na década de 1890, estoura uma luta fratricida entre os gaúchos. Alcinhada de Revolução Federalista, o conflito separa os rio-grandenses por ideais políticos divergentes, entre os anos de 1893 e 1895.

De um lado estavam os federalistas, também conhecidos como “maragatos”. Chefiados por Gaspar Silveira Martins, os partidários da causa idealizavam um sistema político parlamentarista para o Brasil – já que o sentimento contra a República e o desejo de retorno à Monarquia, eram por alguns almejados. Em outro lado, estava o então presidente do Rio Grande do Sul, Júlio Prates de Castilhos. Era também líder do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) e seus partidários eram conhecidos pela alcunha de “pica-paus”. Para tal grupo político interessava a república federalista e manutenção de Júlio de Castilhos, capaz de estabelecer alianças com segmentos mais poderosos politicamente. Não obstante, coube ao grupo republicano a “vitória”, visto que tinha uma maior organização e contou com o apoio do Exército nacional.

O complexo embate entre os gaúchos resultou numa série de contos que foram reunidos na coletânea *Literatura e Guerra Civil de 1893*. Lançado por ocasião do centenário do evento, agrupou textos escritos em diferentes momentos - cuja temática é o conflito civil – abarcando desde períodos mais contemporâneos ao evento até os anos 1990.



Revista Igarapé
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

Sendo assim, é proposta deste ensaio analisar dois contos presentes na coletânea citada acima. *Bandido*, de Roque Callage (1888-1931), retrata a história de Pedruca Pereira, um militante da Revolução de 93 que traça para si um destino diferente de seus antepassados glorificados pelas lutas. Já *Velhos tempos*, de Darcy Azambuja (1903-70), retrata a vida de Severo, que constata as mudanças na vida do campo.

Para realizar as análises, recorreremos a Iser (1999) para orientar a leitura segundo a perspectiva do receptor do conto, do leitor. Para o referido teórico:

A palavra-chave para o leitor é “descobrir”, e o narrador incita-o no caminho da descoberta, deixando-lhe uma trilha de indícios para seguir. [...] Em vez de serem afirmados expressamente, os critérios para tais juízos devem ser inferidos. Essas são as lacunas que o leitor deverá preencher, pondo à mostra, assim, sua própria crítica (ISER, 1999, p. 24).

À luz do que propõe Iser, cumpre observar que nos dois contos em estudo traçam-se caminhos diversos, os narradores apresentam ao leitor diferentes chaves de leitura. Em um dos contos, os indícios conduzem à glorificação do herói que morre na batalha, ao passo que no outro tem-se a imagem da violência, uma imagem negativa do episódio histórico ali narrado.

Mais uma vez, Iser (1999, p. 29) esclarece que:

Não pode haver dúvida de que o autor deseja induzir seu leitor a assumir uma atitude crítica em relação à realidade social retratada, mas, ao mesmo tempo, dá-lhe a alternativa de adotar uma das visões que se lhe oferecem ou desenvolver a sua própria.

Quando se trata da narrativa literária a partir de um evento histórico, tanto mais se torna relevante tal perspectiva, uma vez que ao leitor do conto apresenta-se não apenas uma faceta daquela batalha, mas a possibilidade de se posicionar a respeito.

O Conto



Com uma estrutura curta, o conto – em seu surgimento – tinha uma intenção pedagógica, moral e religiosa para quem ouvia. Quer dizer, tinha um caráter moralizante. Sua constituição básica eram a brevidade, unidade e totalidade. Com o passar dos tempos esse caráter do conto se modifica. A narrativa agora serve ao entretenimento, com o estatuto de mercadoria (KIEFER 2011).

O “contar” sempre fez parte da cultura gaúcha, mormente no ambiente campeiro no qual eram abundantes os “casos”, assim, natural que a literatura sul-rio-grandense se apropriasse deste gênero para retratar a região e, mais especificamente, a figura do gaúcho.

O Gaúcho

Consoante expõe Zilberman (1998, p. 14-5) o gaúcho é personagem característica da cultura sul-rio-grandense, tal identificação com a figura do gaúcho remonta à época da Revolução Farroupilha, como fica evidente pelo exame do cancionário popular recolhido por Apolinário Porto Alegre. E, em consequência do sucesso da obra *O gaúcho*, de José de Alencar, não foram poucos os românticos sulinos que o mitificaram em novelas e poemas.

Em seguida veio, contudo, a desmitificação de tal figura, em virtude das mudanças na estrutura econômica rio-grandense, até então alicerçada na pecuária e na vida no campo que eram elementos constitutivos da identidade do gaúcho. “A transformação, originalmente, foi vista como decadência pelos grupos conservadores, tom que se transferiu à literatura de tendência regionalista. Ela transparece, no início do século, nas obras de [...] Darcy Azambuja que constata com perplexidade, frequentemente com desgosto, a nova situação” (ZILBERMAN, 1998, p. 15).

Para Bittencourt (1999, p. 22) “A criação do mito do gaúcho, no entanto, não representou apenas a projeção de um sentimento coletivo, mas constituiu, igualmente, uma construção ideológica”.

Representam a figura do gaúcho, no âmbito deste estudo, as personagens Severo, do conto *Velhos Tempos* e Pedruca Pereira no conto *Bandido*. Cada um, à sua maneira, enfatiza os traços elencados pelos teóricos acima citados.



O Regionalismo

A ideia de regionalismo vai aparecer no cenário nacional junto ao período romântico. São manifestações que “coincidem com o início do romance brasileiro e relacionam-se ao projeto nativista, que orientou aquela escola literária entre nós” (ZILBERMAN, 1992, p. 43).

Zilberman (1992) explica que dois fatores caracterizam de modo geral o regionalismo, a saber: o tipo humano escolhido e o meio. No Rio Grande do Sul, soma-se à fórmula geral, um terceiro elemento – o momento histórico. Na literatura regional, a personagem é associada ao homem da Campanha e o pampa é valorizado como espaço ideal no qual se desenrolam as ações.

De outra parte, Zilberman (1998, p. 17), ao se referir às obras da literatura sul-rio-grandense que retratam as mudanças na vida no campo, faz a ressalva de que:

Nessas obras e autores, verificam-se uma ou mais visões do Rio Grande do Sul. Como, neles, o espaço regional e os indivíduos, com as peculiaridades locais, condicionam o processo criativo, constata-se a persistência da tradição regionalista. Mas também é visível o alargamento, em todas as direções, dessa vertente, que vê assegurada sua continuidade graças às mutações sofridas, originárias da ampliação de seus horizontes até o ponto em que o Regionalismo parece uma noção insuficiente para designar toda esta variedade.

Ainda nessa perspectiva, Zilberman (1998) esclarece que a noção de literatura regional tanto pode indicar a produção literária oriunda de regiões que pertencem ao território nacional, como abarca, ainda, obras com temática específica associada a uma área geograficamente mais distante do(s) centro(s) cultural(ais) e urbano(s), sendo, por esta razão, rural de preferência, com ênfase em elementos históricos (a tradição), imaginários (lendas e folclore) e naturais (a paisagem e o homem num estágio tido como puro, ainda não civilizado) para o interior da criação literária.



Revista Igarapé
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

O conto de Darcy Azambuja, além de caracterizar a identidade gaúcha, pode ser considerado regional, já que apresenta o motivo guerra, o tipo gaúcho-peão (suas ações em pelear e guerrear) e costumes em geral, visto que esses são temas regionais.

No caso específico da literatura do Rio Grande do Sul é importante: “[...] compreender o significado que a noção do local, suporte do regional, vem a assumir quando transportada do meio circundante para a obra de ficção e o mundo imaginário ali representado” (ZILBERMAN, 1998, p. 47).

Nesse âmbito, cabe ainda pensar que a literatura produzida no estado geralmente aborda eventos históricos que marcaram a região, promovendo um encontro entre história e literatura, a respeito do qual Vécio e Santos (1999, p. 14) afirmam que: “Literatura e história fazem sentido especialmente para o sentido que podemos, e certamente, queremos fazer de nós mesmos”. Assim, é pelo entrelaçamento entre história e literatura que esse sentido, a identidade do gaúcho, seus hábitos e costumes vão sendo narrados.

A Semana de 22 marcou, na literatura, a tentativa de romper com tudo aquilo que representasse o passadismo. A literatura sul-rio-grandense não ficou imune à tendência e a denominada “geração de novos”, dos anos 20, propôs a modernização do regionalismo gaúcho, no entanto, o grupo não seguia um projeto específico e bem fundamentado, pelo contrário, era movido muito mais pelo desejo de renovação propagado pelos artistas vanguardistas. No Rio Grande, considera-se fiel ao desejo de modernização a obra de Alcides Maya (BITTENCOURT, 1999).

A leitura dos contos desse período, no entanto, evidencia que a renovação pretendida foi muito mais intencional do que prática, já que se mantiveram os esquemas do regionalismo tradicional [...] como as “paradas” descritivas e a linguagem ornamentada, alvos costumeiros da crítica dos “novos” (BITTENCOURT, 1999, p. 29).

Bittencourt (1999) acentua que, embora Azambuja tenha produzido na década de 20, não existe, nos seus contos, uma ruptura com a tradição, já que ali permanecem intocados os principais valores da ideologia regionalista anterior. Ademais, nos contos é possível constatar transformações que sinalizam para o ocaso do mito do gaúcho e, além disso, a desagregação



da sociedade campeira, junto disso vêm alguns sinais de uma ficção mais moderna, sem os ornamentos artificiais já criticados, empregando-se então um tom coloquial.

Ante tais afirmações, passa-se às considerações a respeito dos dois contos elencados para o presente estudo.

Bandido

O nome Pereira gozava no município larga fama de honradez e heroísmo. Sobradas razões havia para esse lídimo conceito público. Era uma velha tradição de família. (CALLAGE, 1993, p. 22).

Roque Oliveira Callage (1888-1931), natural de Santa Maria (RS), teve uma vida breve, porém de intensa produção intelectual. Trabalhou como professor particular; como jornalista redigiu os periódicos *O Combatente*, *O Estado* e as revistas *O Boêmio* e *O Estudante*, em sua cidade natal. Já em São Gabriel (RS) dirigiu o *Diário da Tarde e A Tribuna*, além de ocupar um cargo público na Intendência Municipal dessa cidade. Em Porto Alegre, exerceu a função de redator no *Correio do Povo* e no *Diário de Notícias*. Trabalhou ainda na Biblioteca Nacional (na cidade do Rio de Janeiro) e também fez parte do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

Como ficcionista, diversificava entre contos e crônicas. *Prosas de Ontem* (1908), *Escombros* (1910), *Terra Gaúcha* (1914), *Terra Natal* (1920), *Rincão* (1921), *Quero-Quero* (1927) e *Fogão Gaúcho* (1929) são exemplos da produção variada criada por Roque Callage.

A narrativa *O Bandido* conta a história de Pedruca Pereira, neto e filho de bravos heróis, tal história é contada por um narrador em terceira pessoa, um narrador tendencioso. O avô – Crescêncio Pereira – defendeu as fronteiras nacionais das constantes invasões espanholas e frente às investidas de Artigas.

O filho mais velho – Jango Pereira –, segundo nos conta o narrador, foi um guerreiro ativo durante a Revolução Farroupilha e a guerra contra Oribe e Rosas (1951-52). Assim como Crescêncio, Jango tinha sua certa escala de fama visto que:



Revista Igarapé
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

Suas atrevidas gauchadas eram citadas em ordem do dia, no acampamento. De uma feita mesmo chegou a pealar com tiro de bolas o cavalo tordilho-negro em que montava o ajudante de ordens de Bento Manuel. Como essa, muitas. (CALLAGE, 1993, p. 22).

Quer dizer, por essa perspectiva, Roque Callage enaltece o valor dado pelo indivíduo que se proclama gaúcho às guerras, às peleias. As histórias envolvendo Crescêncio e Jango, além de valorizar positivamente sobre um possível espírito guerreiro do gaúcho, contam um pouco da história do Rio Grande do Sul no século XIX: século esse da autonomia nacional frente à metrópole europeia, à definição de fronteiras e de identidades.

Mas se um evento como a Revolução Farroupilha (1835-45) é citado como grande momento de manifestação do espírito guerreiro do gaúcho, o mesmo não se pode afirmar da Revolução Federalista (1893-95). Tida como um conflito em tons de barbárie e covardia, a Federalista serve ao intuito do autor na construção da personagem Pedruca Pereira. O narrador nos lega que Pedruca é como “um abutre sinistro maculando de negro o austero nome glorioso da família...” (CALLAGE, 1993, p. 24). Tal passagem serve como exemplo de uma suposta degeneração de uma linha heroica.

A diferença de apreciação dos conflitos vivida pelos gaúchos fica evidente no trecho:

Curioso contraste! Interessante ainda que esse transvio de sangue soube ele manter durante toda a campanha com a impassível frieza do criminoso nato... Simples soldado ordenança, acompanhando, espontaneamente, um caudilho temível, daí subira por atos de vandalismo até o posto de sargento. Carta branca tivera sempre, para agir – agir na sinistra acepção de matar! (CALLAGE, 1993, p.23).

Quando ele se refere a “criminoso nato” mostra o quão estavam em voga em determinados meios intelectuais da época questões do cientificismo, como as teorias de Lombroso².

A esse respeito, Murari (2009, p. 136) acentua que:

² Cesare Lombroso (1835-1909), antropólogo e médico-psiquiatra italiano, veio abrir novos horizontes aos estudos sobre o criminoso e a pena, atentando-se à figura do homem delinquente, observando-o antes mesmo de observar o crime. Lombroso parte da ideia básica da existência de um criminoso nato, cujas anomalias constituiriam um tipo antropológico específico. Consultado no dia 20/09/2013, o site que serviu como fonte: http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=13301.



Revista Igarapé
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

Neto e filho de heróis, Pedruca Pereira, soldado na Revolução Federalista, é definido como o portador da frieza de um “criminoso nato”, na linguagem científicista ainda em voga em alguns meios intelectuais. Dramatizando a degeneração de uma estirpe heroica, Callage cria um protagonista isento de idealismo e freios morais, envolvido na guerra pelo simples prazer de matar. Desta forma, a Revolução Federalista surge, aos olhos do leitor, como uma espécie de perversão da vocação bélica do estado, tendo gerado, de fato, uma radicalização da polarização política e dos ódios partidários, cujos resultados eram perceptíveis no momento em que o escritor atuava.

A expressão “curioso contraste”, em relação aos demais homens daquela família e o próprio título do conto – *Bandido* – conduzem o olhar do leitor para uma dada perspectiva a respeito da personagem principal do conto, Pedruca Pereira, isto é, são indícios, na terminologia empregada por Iser (1999) que vão dando pistas da leitura para o receptor do conto.

O protagonista de Callage se mostra então vazio de idealismo e freios morais, envolvido no conflito bélico somente pelo simples prazer de matar. Assim sendo, a Revolução Federalista, aos olhos do leitor, soa como uma espécie de perversão da vocação bélica do estado, simbolizando uma radicalização da polarização e dos ódios partidários, cujos resultados eram perceptíveis no momento em que o escritor atuava.

Velhos tempos

Darcy Pereira Azambuja (1903-70) foi um Bacharel em Direito que também encontrou sucesso no universo da literatura, como contista e romancista. Além de escrever importantes livros relacionados à ciência política e ao exercício do Direito, foi professor, inspetor de ensino, promotor público, procurador-geral do Estado e Secretário do Interior do Governo Estadual (1935-37). Fora também redator e diretor de jornais (*A Federação* e o *Jornal da Manhã*, respectivamente). Como historiador, integrou o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

Surge no cenário das narrativas curtas e demais gêneros ficcionais com *No galpão* (1925), seguindo com *A prodigiosa aventura e outras histórias possíveis* (1939), *Romance*



Revista Igarapé
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

antigo (1940), *Coxilhas* (1956), além de *Dia de chuva*, integrante de uma seleção organizada por Flávio Moreira da Costa, intitulada *Antologia do conto gaúcho* (1969). Azambuja publicou, ainda, edições direcionadas a leituras escolares, textos em revistas e um volume sobre as lendas folclóricas do Rio Grande do Sul, contendo um estudo e uma antologia de textos acerca do assunto. Pertenceu a Academia Sul-Rio-Grandense de Letras.

O conto *Velhos Tempos* retrata o cotidiano de Severo, um típico gaúcho. Por meio das lembranças do protagonista, o narrador conta um pouco da história do estado ao qual pertence Severo. Transformações estruturais e sociais fazem a personagem questionar a realidade da vida no campo. A “modernidade” (tecnológica, por exemplo) representa, para a personagem, um grande desafio para a continuidade das tradições campeiras.

A nostalgia apresentada pela personagem pode ser demonstrada a partir de um trecho em que Severo, olhando distante para o terreno de sua antiga morada, observa que:

Fora mais um golpe rude. O velho casarão da estância, que ele amava como um pedaço de si mesmo, tinha sido demolido e sobre seus alicerces erguera-se a Granja Nova. Via-lhe de longe as telhas francesas, [...] tudo tão leve, tão diferente da antiga (AZAMBUJA, 1993, 29).

Também é percebido o sentimento de saudade do passado em “só ele ficara o mesmo, sofrendo golpe a golpe a morte dos seus pagos. [...] Estrangeiro em seus pagos transformados” (AZAMBUJA, 1993, p. 30).

Severo, ao recordar-se das paisagens do Rio Grande do Sul de antigamente, opera como um portador do sentimento do gaúcho que não aceita as mudanças ali operadas, a narrativa em terceira pessoa somada ao discurso indireto livre, é que coloca o leitor em contato com os pensamentos de Severo. A memória de Severo atua como uma memória coletiva, de todo o Rio Grande do Sul. A guerra é o elemento por excelência do passado.

Reanimava-se, então, revivendo o seu passado. Era todo ele de lutas, era o passado mesmo de seus pagos. [...] o velho Severo revivia a guerra grande, acampamentos, marchas forçadas, regimentos desfilando, batalhas, cargas, assaltos a trincheiras sob o tufão da metralha, entreveros estrondejantes, toda



Revista Igarapé
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

a tumultuosa marcha dos exércitos invasores, entre os quais tremulava, vibrava aos ventos soltos a bandeira auriverde (1993, p. 30).

Assim sendo, Darcy Azambuja explora no conto dois temas caros ao indivíduo pampeano sul-rio-grandense: além da já citada guerra, a vida campeira. E esses dois tópicos falam diretamente ao gaúcho, conseguindo assim, Severo ser o porta-voz de todos que se identificam com a tradição do Rio Grande do Sul.

Nesse mesmo pensar, Santos (2009, p. 184) expõe que:

A memória também adquire relevância em relação à representação que o conto adquire. Severo é personificado como o detentor da memória dos velhos tempos, por consequência sua memória é a representação de uma memória coletiva. Ao lembrar o tempo passado, relembra a memória coletiva do Rio Grande do Sul.

Em outro momento, a mesma autora acentua ainda que:

Ao recordar o seu passado e com ele o passado gaúcho, Severo como que o distingue do passado de outras pessoas, de outros estados, ela recai em algo que é exclusivamente gaúcho, na sua identidade. Uma vez que não são quaisquer aspectos e fatos que Severo relembra, mas sim alguns específicos da campanha, o que acabam por constituir a identidade desta região retratada. (SANTOS, 2009, 186).

Em *Velhos Tempos*, importante destacar, também se fala da violência praticada por ocasião da Revolução Federalista, o período é caracterizado como uma “primavera de sangue” (AZAMBUJA, 1993, p. 35), no entanto, isto é feito sob uma perspectiva diferente por conta do herói construído aqui por Azambuja. A exemplo disso:

Preparavam-se, estes, para uma carga decisiva. À voz de – a cavalo – formou-se prestes um esquadrão e, entre os da “testa”, o velho Severo perfilava-se, rijo, como remoçado. Remoçara, de fato, com a vida guerreira. Sentia-se de novo, e aguentava alegre, como “da outra”, a existência vibrante e dura de marchas forçadas, de acampamentos, sempre no lombo do pingo, combatendo sempre, comendo quando Deus queria. A memória realizava-se, dando-lhe a suprema alegria de reviver o passado, as suas velhas saudades, as visões que lhe povoavam a lembrança, os seus hábitos e os seus ódios



Revista Igarapé
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

antigos, todo o outro tempo, os “velhos tempos” que tanto viveram dentro dele, e eram agora reais; e os seus setenta anos remoçavam nas lutas começadas (AZAMBUJA, 1993, p. 35).

A visão de Severo a respeito do evento muda a perspectiva do leitor diante dele. A guerra é a memória dele com relação ao passado. É nesse sentido que Leite (1978, p. 75) assevera que:

É o que podemos chamar de “juventude eterna”. O gaúcho achou a fonte da juventude. Ela é a natureza-mãe, o trabalho com o gado e a guerra. Esse atributo liga-se estreitamente à saúde e ao telurismo. A maior parte dos personagens velhos, quando representantes do “verdadeiro gaúcho”, classificáveis no paradigma do herói, aparentam sempre muito menos idade do que realmente possuem.

Por fim, Severo representa o olhar que ao mesmo tempo sente demasiada nostalgia de um tempo relativamente distante, mas que também percebe as mudanças do seu novo tempo.

Conclusão

Ambos os contos falam sobre a tradição. Aliás, esse é um tema recorrente na literatura do Rio Grande do Sul. Assim como os confrontos bélicos.

Os contos retratam esse conflito, mas diferem na construção do protagonista. Pedruca Pereira vê na guerra uma oportunidade de deixar que aflorem seus instintos mais violentos. Ao passo que Severo vê na guerra uma ligação com o passado tão venerado por ele, e ao qual ele desejava voltar.

A chave de leitura de ambos os contos aponta para o lado negativo da Revolução Federalista. No entanto, o olhar do leitor é guiado por perspectivas diferentes e, levando em conta o protagonista de cada uma das narrativas, Severo representa a memória e os elementos do imaginário gaúcho tradicional; Pedruca Pereira representa determinado grupo de indivíduos que encontram em períodos de caos oportunidades para executar atitudes violentas.



Referências Bibliográficas

AZAMBUJA, Darcy. Velhos tempos. In: BAUMGARTEN, Carlos A. & MOREIRA, Maria E. *Literatura e guerra civil de 1893*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1993. p. 28-36.

BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva. *O contosul-rio-grandense: tradição e modernidade*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

CALLAGE, Roque. Bandido. In: BAUMGARTEN, Carlos A. & MOREIRA, Maria E. *Literatura e guerra civil de 1893*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1993. p. 22-25.

ISER, Wolfgang. *A indeterminação e a resposta do leitor na prosa de ficção*. Caderno do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS: série traduções. Porto Alegre, vol. 3, n. 2, p. 1-47, março de 1999.

KIEFER, Charles. *A poética do conto: de Poe a Borges – um passeio pelo gênero*. São Paulo: Leya, 2004.

MURARI, Luciana. “O gênio tumultuário da raça”: guerra e política no discurso histórico-literário de Roque Callage. *Revista Letras*. Santa Maria, vol. 19, n.1, p. 131-152, jan.-jun. 2009.

SANTOS, Luciana Crestana dos. A memória e a modernidade em *Velhos Tempos*, de Darcy Azambuja. *Revista de Literatura, História e Memória: Literatura e Cultura na América Latina*. Vol. 5. N. 5. Unioeste – Cascavel, 2009. p. 179-191.

VÉSCIO, Luiz Eugênio e SANTOS, Pedro Brum (Orgs.). Apresentação. In: PRATT, Mary Louise et al. *Literatura e história: perspectivas e convergências*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

ZILBERMAN, Regina. *Roteiro de uma literatura singular*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998.